

Globalização e Educação

Uma Proposta para a Avaliação

Vera Rudge Werneck

RESUMO

O artigo, partindo da constatação das mudanças decorrentes da globalização, analisa o fenômeno mostrando ser ele uma produção humana que, como tal, pode e deve ser controlada e direcionada pelo homem. Propõe, em seguida, dois referenciais para a análise do fenômeno:

as noções de comunidade x sociedade e as de pessoa x personalidade, procurando saber: 1º) Se a globalização contribui para a transformação da humanidade numa comunidade ou se conduz a comportar-se apenas como uma sociedade; 2º) Se a globalização leva à universalização do que é essencial para a realização da pessoa humana respeitando as diferenças peculiares das personalidades ou se apenas uniformiza os usos e comportamentos anulando as diferenças próprias dos indivíduos. Reflete ainda sobre o papel do educador, afirmando caber a ele a reflexão sobre o fenômeno, a proposta de paradigmas de avaliação para que o novo modelo da globalização possa, ao menos, indireta-

mente, ser controlado e direcionado para o bem da humanidade. Conclui pela necessidade de uma maior reflexão sobre a questão da globalização e pela importância da ação do educador para o direcionamento positivo deste novo fenômeno.

Vera Rudge Werneck

*Doutora em Filosofia,
Universidade Gama Filho
Rio de Janeiro*

*Professora da Pós-
Graduação, Universidade
Católica de Petrópolis,
Rio de Janeiro*

Palavras-chave: Referenciais de avaliação – Comunidade – Sociedade – Pessoa – Personalidade – Educação.

Introdução

O mundo mudou. Sobre este fato não pairam dúvidas. Todos concordam com a constatação de que a humanidade está vivendo situações inéditas com as quais ainda não sabe lidar.

Todas essas transformações vão exigir novas reflexões, novas paradas, um esforço de avaliação, para que se possam retificar os rumos na marcha para o futuro.

Surge agora a chamada "globalização" como a grande novidade que deve mudar a situação do homem conferindo – lhe uma nova dimensão, tornando o mundo menor e diferente do que foi até agora.

Quando se dá conta de que a televisão, por exemplo, tem pouco mais de cinqüenta anos, de que todos os maiores de 60 anos, que agora já são muitos, viveram alguns anos de suas vidas sem ela, percebe-se que a humanidade está convivendo com uma nova tecnologia para a qual não se preparou, que ainda não sabe administrar e que, por tudo isso, traz dificuldades no campo moral, jurídico e educacional.

Os novos avanços da tecnologia responsáveis pela globalização, por certo, vão exigir uma tomada de posição na área filosófica, ética e pedagógica entre outras.

Estão em jogo as noções de tempo e espaço, de distância e de proximidade, de possibilidade de relação entre os seres humanos.

Em que consiste exatamente a tão falada globalização? O quanto será ela fruto do imaginário, da idealização que a constitui como uma nova ideologia que pode ser contestada pela realidade? Uma nova utopia? Será ela existente ou mesmo realizável?

Terá o progresso tecnológico, por si só, o poder e a capacidade de traçar novos rumos para a humanidade?

Tendo a educação, por definição, o papel de condutora, de conduzir numa di-

reção, de puxar para fora, para uma meta admitida como a ideal, a moderna tecnologia vai potencializar essa ação permitindo que essa condução se faça, ao mesmo tempo, para milhares ou mesmo milhões. Vai permitir que o papel do educador seja multiplicado, maximizado, de um modo ainda não plenamente percebido, ainda não dominado.

Como entender então que possa haver degradação moral, miséria humana, fuga por entorpecentes, dependência de drogas etc. ... em países que alcançaram a ponta no progresso científico e tecnológico?

Talvez a resposta esteja no fato de que a ausência de valor, o não-valor ou mesmo o contravalor, o nocivo, o pernicioso transmitidos também alcancem dimensões inéditas na história da humanidade.

A sensação comum de inexistência de progresso na área propriamente humana, de melhoria significativa na vida intelectual, moral e jurídica talvez se explique pela maior e mais rápida difusão das notícias, das ocorrências do dia-a-dia, permitindo o conhecimento de aspectos da realidade antes desconhecidos.

Talvez essa impressão decorra simplesmente do fato de ter-se ainda refletido pouco sobre as repercussões no plano humano de todas essas novas invenções, planejado pouco e assim deixado de lado inúmeras possibilidades de proveito que podem proporcionar.

Fica claro, no entanto, que o processo de aculturação como processo de agrega-

ção de valor muda consideravelmente, permitindo novos sonhos com uma sociedade bem melhor, mais instruída, mais conscientizada, mais informada e até mais educada graças às novas conquistas tecnológicas.

A globalização não pode ser vista como algo que aconteça à revelia do homem, seu criador, pelo menos indiretamente. Como um fenômeno que fuja ao seu comando, como algo que escape à sua compreensão e ao seu controle.

A globalização é um fato e uma consequência da criatividade humana. Do progresso da ciência e da tecnologia, ou seja, algo produzido pelo homem e, portanto, passível de ser por ele determinado, comandado.

Assim sendo, é de fundamental importância a reflexão sobre este fenômeno, a compreensão de seu conceito, a determinação de seus contornos, limites, extensão etc. ... para que seja possível com ele lidar de maneira adequada e proveitosa para toda a humanidade.

Nesse pequeno ensaio de reflexão sobre a questão da globalização e de sua relação com a educação, nessa primeira busca de referenciais para sua avaliação vai-se:

- 1) Buscar a compreensão do fenômeno da globalização.
- 2) Utilizar como referenciais para sua avaliação as noções de comunidade x sociedade, pessoa x personalidade.

3) Relacionar globalização com educação e cultura.

4) Chegar a algumas conclusões.

O Fenômeno da Globalização

O desejo de unidade, de unificação, parece ser natural, próprio do homem. As inúmeras tentativas nesse sentido demonstradas pela história levam à consideração desta afirmação como possivelmente verdadeira. Sob um aspecto negativo esse anseio explica as guerras imperialistas, as práticas de dominação, de incorporação, de anexação, de anulação das diferenças. Sob o ângulo positivo, justifica a idéia de comunidade, que começa com a família, passa pelo clã, a igreja, e que era encontrada em aldeias, vilas e na idéia de nação.

Por todas essas considerações pode-se perceber que o ideal da globalização, do mundo unificado, não é novo. Sempre existiu talvez por corresponder a um desejo inconsciente do ser humano. A obtenção deste ideal, no entanto, era dificultada pelos impedimentos, pelas barreiras de ordem prática. As distâncias, os obstáculos postos pela natureza, a heterogeneidade étnica, as diferenças de idiomas etc. ... , de certa forma, impediam qualquer esforço para a unificação do mundo.

O moderno conceito de globalização só pôde surgir quando esses obstáculos foram vencidos e os homens tiveram uma real possibilidade de aproximação, que só ocorreu graças ao progresso da ciência e da tecnologia.

Pode-se, portanto, entender como globalização o fenômeno de unificação mundial – de ideais, comportamentos, usos e costumes – proveniente dos avanços tecnológicos, que ocorreu na segunda metade do século XX.

O novo fenômeno avança de modo avassalador, confundindo, levando à perplexidade e alternadamente ao entusiasmo e ao desânimo, exigindo o estabelecimento de referenciais para o seu entendimento e avaliação. A globalização não pode ser vista como o sumo bem, a felicidade dos povos nem como o grande mal que propicia a dominação e a injustiça. Será boa se fizer com que o extraordinário desenvolvimento econômico – tecnológico e científico atinja e beneficie toda a humanidade de maneira própria e adequada. Ao contrário, pode ser negativa se a internacionalização econômica na realidade beneficiar uns graças à exploração de outros. Cabe à globalização promover o desenvolvimento dos povos pela melhoria dos direitos sociais, pela prática democrática, pela manutenção da soberania política e pelo respeito à diversidade cultural decorrente das diferenças das personalidades.

Göran Therborn (2000, p.68) oferece uma interessante tabela para a avaliação das dimensões da globalização. Tomando como referenciais as capacidades para estruturação da sociedade, para culturação e para ação e os processos de interação e sistema a eles correspondentes, combina os dois tipos de processos de globalização com uma leitura sociológica básica das capacidades de

estruturação, culturação e ação.

As mudanças são enormes, afetando inúmeras áreas, o que traz grandes dificuldades para a avaliação de suas causas e conseqüências, já que abrangem aspectos distintos como o social, o institucional, o cultural, o tecnológico, o das finanças, da produção, do comércio etc. ... Mostra Anthony D. Smith que “estamos ingressando num mundo novo de gigantes e superpotências econômicas, de multinacionais e de blocos militares, de vastas redes de comunicação e da divisão internacional do trabalho” (1994, p.186)

No esforço de busca de referenciais para a avaliação da relação da globalização com a educação vai-se começar pelo levantamento de suas características mais marcantes.

O conhecimento do objeto inicialmente se faz pelo modo como aparece e ele só aparece para o sujeito sob determinado ângulo. Sob determinado ponto de vista. Assim acontece também com o que hoje se chama globalização. Torna-se então necessário um esforço no sentido da decodificação hermenêutica do que representa enquanto signo.

O primeiro aspecto a ser destacado é o da necessidade de unificação do idioma de modo a facilitar a comunicação entre os povos. Assim, o inglês passa praticamente a ser considerado como idioma universal facilitando a uniformidade da compreensão dos mecanismos dos bens de consumo produzidos pela tecnologia. Outras características desse processo são

apontadas por Mike Featherstone quando diz que "da mesma forma significativos foram o aumento em número das agências e instituições internacionais, as crescentes formas globais de comunicação, a aceitação do horário global unificado, o desenvolvimento das competições esportivas e premiações a nível global, o desenvolvimento de conceitos padronizados de cidadania, dos direitos e de humanidade". (1994, p.12)

Também merece registro, como aspecto próprio do mundo globalizado, a velocidade das mudanças. Os bens culturais, os usos, as escalas de valores mudam tão rapidamente que se torna quase impossível estar em dia com a última novidade. Valquíria Padilha no seu artigo "Reflexões sobre cultura, tempo livre e consumo na pós-modernidade afirma: "são indubitáveis e impressionantes as rápidas e significativas transformações que vêm ocorrendo em todas as esferas da vida, no mundo todo, nas últimas décadas. Economia, sociedade, política, trabalho, educação, cidadania, mercado, comunicação, cultura, informação, tecnologia, tudo se transforma com rapidez, caracterizando o que é chamado de "sociedade pós-industrial", "globalização", "sociedade pós-moderna", ou outras tantas denominações". (2000, p.48)

Talvez possa-se considerar a velocidade das transformações como a característica responsável pela dificuldade da avaliação desse processo, ao mesmo tempo que explica a sensação de impotência diante da força avassaladora das transformações. Antes que seja possível aquilatar os seus

benefícios e malefícios, outras mudanças se sucedem, levando ao desânimo e à desistência de qualquer tentativa de interferência.

Chega-se então à conclusão de que a principal causa desse novo fenômeno é o progresso na área da comunicação. Na verdade, a globalização vem sempre associada aos enormes avanços na área da informática e das telecomunicações a partir dos anos 80. Com a velocidade das informações propiciada pela Internet diluíram-se as barreiras políticas e econômicas mudando consideravelmente a organização social. Segundo Margareth Archer, "no começo da década de 1980 a preocupação crítica com o lançamento de uma plataforma cultural, a partir da qual as pessoas pudessem avaliar, criticar, e procurar redirecionar as mudanças estruturais, foi submersa pela Terceira Onda. A chegada da Sociedade da Informação, filha da união entre a computação e as telecomunicações foi formalmente batizada de "terceira onda" por Alain Toffler. (1981)" (1994, p.120)

A rapidez dos meios de comunicação ao mesmo tempo em que promove a globalização impede qualquer avaliação, qualquer critério que permita definir-se em que medida está ela sendo favorável ou não para a humanidade.

A mudança no sistema de comunicação propicia ainda um reordenamento do espaço derrubando as barreiras que separavam as nações. Surge uma integração e ao mesmo tempo uma uniformização cultural que desarticula o estado na sua uni-

dade e especificidade. Hoje a cultura tende a ser transnacional e a ultrapassar as sociedades estabelecidas com novos processos de permuta, de troca de mercadorias, de informações, de conhecimentos científicos e técnicos que levam à crença de ser a globalização um processo autônomo que escapa ao controle humano.

A globalização vai então promover a unificação dos espaços ao enfraquecer a idéia de estado – nação, já que os direcionamentos e decisões vão ser supranacionais. É interessante notar que, embora esse processo uniformize e homogeneize, não leva ao sentimento de comunidade. Faz com que as pessoas sintam-se iguais, movidas pelos mesmos interesses mas não ligadas entre si. Não leva portanto ao sentimento de solidariedade, próprio da comunidade. É por este motivo que no mundo globalizado é possível, por exemplo, assistir-se a um noticiário de TV que anuncie grandes tragédias, fome, doença e morte enquanto se janta e se conversa despreocupadamente.

Para Mike Featherstone não é possível uma cultura global unificada, “não obstante isso, a intensidade e a rapidez dos fluxos da atual cultura global contribuiram no sentido de que o mundo seja um lugar único que proporciona a proliferação de novas formas de cultura para os encontros internacionais”. (1994, p.17) Que lugar ocupam nessas novas formas de cultura o engajamento, a solidariedade, a ação consciente e direcionada? Ele apenas constata que tal fato pode dar origem a uma maior tolerância ou a reações de intolerância e agressividade.

Não se pode, pois, confundir globalização com aceitação do outro, com solidariedade, cumplicidade ou espírito de comunidade. É inegável que o tempo e o espaço ganham novas dimensões, no entanto a velocidade da comunicação, por si só, não aproxima as pessoas. Pode mesmo torná-las insensíveis e solitárias.

Os aspectos econômico, social, político e cultural agora ultrapassam as barreiras regionais e nacionais interferindo nas diversidades e peculiaridades históricas e sociais. Para alguns essa intromissão é positiva já que promove a igualdade entre os povos. Para outro ponto de vista é negativa porque as diferenças e características próprias devem ser respeitadas. É bastante evidente, no entanto, que a economia globalizada distribui seus benefícios de maneira bastante desigual.

A globalização, ao que parece, e segundo determinada interpretação iniciou-se com a economia. Quanto maior o consumo, maior a relação de troca e assim maior a unificação dos povos. Acreditou-se então, um tanto ingenuamente, que o maior consumo, o maior desenvolvimento econômico globalizaria os bens, resolvendo assim os problemas sociais.

Na verdade, a globalização beneficia uns em detrimento de outros, deixa desigualdades e injustiças em áreas essenciais e uniformiza e descaracteriza aspectos da cultura que deveriam permanecer diferenciados e independentes. Atinge áreas inesperadas como a da circulação financeira. Mostra Ladislau Dowbor que “esta ampliação dramática da especulação financeira

ra é literalmente carregada pelas novas tecnologias: a integração dos espaços mundiais de comunicação via satélite e fibras óticas e a capacidade de tratamento instantâneo de informação em gigantescas quantidades com a informática levaram a informação a uma grande dianteira na globalização de um setor cuja matéria – prima – a informação – é particularmente fluida e que dispõe de amplos recursos para financiar os equipamentos mais modernos” (1996, p.56)

É inegável que as transformações decorrentes da globalização trazem, juntamente com as negativas, contribuições positivas tanto para os países desenvolvidos quanto para os mais pobres. Reconhece-se um movimento no sentido de igualar as oportunidades diminuindo as distâncias entre ricos e pobres apesar da situação atual ser ainda bastante precária. O Estado faz um esforço para o aprimoramento dos serviços nas áreas sociais levando os bens da tecnologia a todos os setores da população. Escola, saúde, serviços sanitários, rede elétrica, telecomunicações e transportes são bens que graças à globalização atingem um número cada vez maior de indivíduos.

Um último aspecto a ser focalizado nesta breve reflexão sobre esse novo fenômeno é o da ideologização. A globalização apresenta-se sob dois aspectos fundamentais. O fenômeno real, o que realmente ocorre, e a ideologização que dele se faz.

Muitos aspectos da cultura são produzidos pela função imaginária sem que haja propriamente o ato decisório e o concurso

da vontade na sua produção.

Pode-se considerar como imaginário a capacidade humana, radicada no inconsciente, de interpretar a realidade segundo determinado ponto de vista. O sujeito está sempre situado no tempo e no espaço e é a partir do seu ângulo de visão que faz a leitura da realidade interpretando-a a seu modo. Essa interpretação feita pelo imaginário vai produzir uma determinada cosmovisão, um modo de conhecer o mundo segundo sua situação geográfica, histórica, econômica e social e uma ideologia entendida como a interpretação dos papéis e das relações sociais.

Também o fenômeno da globalização como um novo modo ideal de conceberem-se os papéis e as relações sociais pode ser analisado sob essa ótica. Seria uma concepção ideológica que por radicalizar-se no inconsciente expressaria a instância desiderativa e mobilizaria a ação humana.

Segundo Míriam Limoreiro Cardoso, “a acepção dominante de “globalização” é, pois, uma ideologia. Expressa posições e interesses de forças econômicas extremamente poderosas e vem comandando intensa luta ideológica – luta essa que passa pela mídia e pela universidade – para tornar-se dominante mundo afora” (2000, p.98) Ao mesmo tempo, afirma José Maria Gomes: “o fato de que a retórica celebratória da globalização tenha um caráter abertamente ideológico e mistificador não significa, entretanto, que se deva desconhecer que vários dos processos e transformações estruturais que ela aponta são

reais e que, como efeito desigual e combinado deles, o mundo atual se tornou cada vez mais interdependente" (2000, p.131)

O que caracteriza nesse caso o ideológico é o reconhecimento da interpretação: de um lado a crítica, a condenação, a acusação, de outro a idealização, a louvação, a crença de que não é possível outro modelo de desenvolvimento.

A consciência do processo de ideologização leva à necessidade de busca de referenciais que permitam uma avaliação do processo de globalização o mais isenta possível. "Mais isenta possível" significando aqui o mais consciente possível da impossibilidade de total libertação da interferência da instância ideológica no processo de avaliação. Acredita-se que só a consciência da interferência da interpretação ideológica em todo o conhecimento humano pode permitir um relativo distanciamento que permita uma avaliação.

A Busca de Referência para a Avaliação

- Comunidade x Sociedade

Diante das múltiplas e diversas características da globalização, tendo-se em vista seus aspectos positivos e negativos, fica bem patente a necessidade do estabelecimento de critérios para a avaliação das transformações que traz para a humanidade.

A globalização, mundialização ou

qualquer outro nome que se dê a esse fenômeno, como já se viu, de certo modo vai corresponder ao natural desejo de unidade, de integração, que parece existir no ser humano. No pensar de P. Ricoeur, "antes de qualquer distância crítica, pertencemos a uma história, a uma classe, a uma nação, a uma cultura, a uma ou a tradições". (1977, p. 92) O sentimento de "pertença", por ele assim denominado, corresponde à necessidade de sentir-se pertencente a um todo social que dê segurança e proteção, que sirva de modelo e de razão para viver, que parece enquadrar-se com a noção de comunidade e não propriamente com a de unidade política.

Entende-se aqui por comunidade o conjunto de pessoas que se consideram unidas para todos os fins. A sua característica fundamental é exatamente a idéia de união sem a especificação de suas razões ou objetivos. Pode-se tomar como exemplo da noção de comunidade a família cujos membros estão ligados entre si de tal modo que o sucesso ou fracasso de um afeta os outros, que podem receber os cumprimentos ou os pêsames. Algumas vilas, favelas ou pequenos bairros ainda funcionam como comunidade. Este seria o sentido de igreja: pessoas que abraçam a mesma crença e que se sentem unidas em todas as situações.

Numa sociedade, ao contrário da comunidade, os fins que unem seus membros são claramente definidos e especificados. Na sociedade anônima, por exemplo, sócios que nem se conhecem estão unidos pelo interesse no lucro da empresa. Pessoas podem unir-se e formar uma soci-

idade para explorar determinado empreendimento, executar uma tarefa, abrir um negócio etc. ... Estarão juntas no que diz respeito aos interesses previamente estipulados mas não para o mais.

Os pequenos grupamentos humanos constituem com mais frequência, embora não obrigatoriamente, comunidades. Com o crescimento e a maior complexidade aumentam as distâncias e as barreiras que transformam esta modalidade de relação social na de sociedade.

Pode-se admitir que a Igreja Católica com o seu ideal de unidade e de catolicidade constitua não só uma forma de comunidade mas ainda de globalização.

Com a formação de estado moderno, as descobertas de novos continentes e mais tarde com o desenvolvimento das grandes metrópoles tornou-se praticamente impossível a vivência de comunidade, fazendo-se a vida social mais sob o modelo de sociedade.

No século XX com o advento da moderna tecnologia, especialmente na área da comunicação, as distâncias foram reduzidas, surgindo a possibilidade de uma maior aproximação entre as pessoas, de uma interação que tomou o nome de globalização ou mundialização.

Segundo *Octavio Ianni* a idéia de "aldeia global" sugere que afinal formou-se a comunidade mundial, concretizada com as realizações e possibilidades de comunicação, informação e fabulação abertas pele eletrônica. Sugere que estão em curso

a harmonização e a homogeneização progressivas". (2000, p. 16).

Ao que parece, pode-se até admitir que a humanidade esteja transformando-se em uma grande sociedade com objetivos e metas claramente definidos e estipulados, já que não há como negar-se a interdependência e até mesmo a consciência global, no entanto não significa isso que esteja tornando-se uma comunidade.

Talvez possa-se admitir apenas que esteja sendo recolocado o ideal da comunidade em âmbito mundial, de uma maior união entre os povos pela maior possibilidade de conhecimento e participação da vida de cada um. Na prática, no entanto, a globalização não traz a idéia de comunidade como união para todos os fins. Antes propicia a uniformização, a igualdade e o conhecimento mútuo, especialmente porque freqüentemente fez-se e faz-se por uma relação de força e de dominação que aumenta o poder dos mais fortes e diminui o dos mais fracos. Um tipo de relação que muitas vezes promove injustiças por não respeitar as peculiaridades e necessidades regionais.

A primeira questão que se levanta, portanto, diante do problema da globalização, parece ser sobre o quanto estaria ela correspondendo ao natural desejo humano de vivência de comunidade.

- Pessoa x Personalidade

Como segundo referencial para a avaliação do fenômeno da globalização vai-se tomar a relação pessoa x personalidade.

Um dos obstáculos que mais dificultam o processo de reflexão é a não coincidência que freqüentemente ocorre entre a definição etimológica e a definição real de um termo. Nos idiomas vivos os vocábulos sofrem uma evolução que modifica o seu significado que precisa ser explicitado para não se transformar em causa de erros e de confusões.

O termo "pessoa", que etimologicamente, origina-se do latim "persōna", significando máscara, figura, personagem de teatro, papel representado por um ator, passa, já no latim dos juristas romanos, a designar o ser que tem direitos legais e obrigações *Enciclopédia Mirador Internacional* (v. 16, p. 8843).

Do ponto de vista jurídico, só a pessoa é sujeito de deveres e de direitos e todo ser humano é pessoa na ordem civil. Também certas criações sociais que participam da vida jurídica são consideradas pessoas jurídicas, sendo assim, do mesmo modo, sujeitos de deveres e de direitos.

A pessoa física é chamada pessoa natural ou indivíduo. Embora todo homem seja dotado de aptidão para ter direitos e obrigações, ou seja, para ser considerado como pessoa, são necessárias certas condições para que possa efetivamente exercê-los, como idade e saúde mental, por exemplo. Lê-se em F. J. Yjomard que com Boécio (480 – 525) a noção de pessoa é definida como "substância individual de natureza racional" (1953, p.279), distinguindo-se indivíduo de pessoa e enfatizando a sua racionalidade. Com o tempo focaliza-se o aspecto da exigência do livre arbítrio, e vai-se definir "pessoa"

como animal racional e livre, qualificando-se assim a individualidade humana.

Hoje, com a contribuição da Axiologia, pode-se entender como pessoa, o indivíduo que se caracteriza pela animalidade racional, livre e capaz de vida efetiva.

Para *Reale*, cada homem se realiza na indetidade pessoal. É a razão pela qual "costuma declarar que a pessoa é o valor-fonte de todos os valores, nela o devir se convertendo em dever, firmando a eticidade da conduta (1996)"

O termo "personalidade" também origina-se do latim "persōna", máscara, figura, personagem de teatro, significando pessoal, como inerente à pessoa, relativo à pessoa, o que distingue uma pessoa de uma coisa. *Enciclopédia Mirador Internacional* (v. 16, p. 8806). Nos séculos XVIII – XIX passa o vocábulo a ter o sentido de qualidade ou conjunto de qualidades que faz de uma pessoa o que ela é enquanto diferente das outras. É o conjunto de características próprias de um sujeito.

Apesar da origem etimológica comum os termos pessoa e personalidade têm significados bastante distintos. Freqüentemente usa-se o termo personalidade como relativo a pessoa, o que pode confundir com o seu outro significado de "conjunto de peculiaridades próprias de uma pessoa".

Tomou-se aqui a liberdade, para evitarem-se as confusões, de utilizar-se o termo "pessoalidade" com referência a pessoa, distinguindo – o assim de "personalidade" do qual aceitou-se o outro sentido.

Todo homem é, ao mesmo tempo, uma pessoa e uma personalidade. Enquanto pessoa é um animal, dotado de racionalidade, de liberdade psicológica e de sensibilidade/afetividade, que constituem o que aqui chamou-se sua "pessoalidade". Para que se realize enquanto pessoa deve o homem buscar a plenificação de sua vida biológica, da sua capacidade intelectual, do seu livre arbítrio e da sua afetividade. Este é um anseio necessário e universal, cabendo ao processo de globalização promover a sua realização. A pessoa, assim entendida, torna-se o "valor-fonte" e o "valor-meta" de todo homem, a conquista e a manutenção de sua dignidade pessoal.

Ao mesmo tempo, cada ser humano é uma personalidade singular e única, com características individualizantes provenientes de um código genético de fatores ambientais e históricos que a tornam especial e diferente das demais. Por este motivo, cada um deve também desenvolver sua personalidade sendo fiel a si mesmo.

As características individualizantes dos indivíduos e dos grupos, que vão constituir os regionalismos, precisam também ser respeitadas e desenvolvidas. A globalização não pode uniformizar as personalidades, anulando as características peculiares de cada pessoa, grupo social ou nação.

Seria esta uma ação indevida por apresentar a imposição dos padrões de uns sobre os outros, por beneficiar os mais poderosos e prejudicar os mais fracos.

Acredita-se que também as noções de pessoa e de personalidade possam ajudar

no estabelecimento de um referencial que permita uma avaliação do processo da globalização. Ela será benéfica, útil e louvável se contribuir para o desenvolvimento do homem enquanto "pessoa" e, maléfica, prejudicial e condenável quando desprezar as personalidades, pela uniformização dos interesses, anulação das peculiaridades próprias dos indivíduos e grupos sociais.

Globalização X Educação e Cultura

São inúmeras as conceituações de educação. Distribuem-se elas desde as que se atêm à definição etimológica "educere", conduzir para fora numa direção considerada ideal, e "educere", alimentar, prover a subsistência, até às mais elaboradas e complexas.

Vai-se, aqui, entender a educação como o processo de apreensão e hierarquização de valores de modo próprio e adequado a atender às necessidades do ser humano tanto enquanto pessoa como enquanto personalidade.

Embora, muitas vezes, considere-se a educação como o processo de integração e de adaptação do indivíduo à cultura vigente e aos usos do seu meio social, percebe-se claramente as dificuldades que decorrem desta posição pois, freqüentemente, esta integração x adaptação implica a aceitação do contravalor. A simples assimilação do imaginário social, dos usos e costumes da sociedade pode significar o apren-

dizado de contravalores. Seria esta uma questão diretamente ligada ao fenômeno da globalização pois a facilitação da apreensão de conteúdos por si só não representa melhoria educacional. A educação tem uma função transformadora. Deve aprimorar o educando em relação a um ideal proposto.

O termo cultura pode também ser definido de diferentes modos.

Admitindo-se como cultura o conjunto de conhecimentos, crenças, arte, lei, moral, usos e hábitos do homem como membro de uma sociedade, conclui-se ser bastante duvidoso admitir-se que o homem cresça e qualifique-se educacionalmente somente por ter apreendido a cultura acumulada. Se assim fosse, cada geração seria "melhor", mais aperfeiçoada que a antecedente.

A educação limitar-se-ia a perpetuar e a aprimorar a cultura existente, transmitindo juntamente com os valores os contravalores, de uma geração para a seguinte.

A globalização seria um processo de facilitação da transmissão da cultura entendida como qualquer produção humana. Facilitaria a transmissão tanto do que vale para o homem quanto do que lhe fosse prejudicial e nocivo.

Evidencia-se, portanto, a necessidade do estabelecimento de um referencial, de um critério que permita a avaliação da educação e da produção cultural. Pode-se entender a cultura como o processo de ins-

tauração de valor na natureza, no outro ou em si mesmo, feito pelo homem, excluindo-se dela, assim, o contravalor.

A globalização como obra humana representa uma forma de produção humana que deve ser avaliada segundo um critério justificado.

Permanece a questão sobre o que realmente aprimora, aperfeiçoa e torna o homem mais feliz e realizado. Aceitou-se, por isso, o conceito de educação ligado à noção de valor. Ao reconhecimento do que vale para o homem e não apenas à instrução.

Por instrução pode-se entender a apreensão dos conteúdos e o correlacionamento das idéias, dos juízos e dos raciocínios. A instrução não se confunde com a educação propriamente dita.

Mostra Demerval Saviani que "é a partir da modernidade que educar passa a ser, fundamentalmente, escolarizar. Assim, não é por acaso que é exatamente a sociedade burguesa que vai levantar a bandeira da escola pública, universal, gratuita, obrigatória e leiga."

"Na sociedade moderna capitalista as relações deixam de ser naturais para serem predominantemente sociais. Em consequência, a sociedade deixa de se organizar segundo o direito natural e passa a se organizar segundo o direito positivo que é estabelecido formalmente por convenção contratual e se traduz em Constituições escritas." (1996, p.171) E continua citando Goldmann (1968, p.16): difunde-se então

a idéia de que "o progresso público do saber e a difusão da cultura são capazes de realizar por si mesmos a libertação do homem e suprir os males essenciais da sociedade." (1996, p. 174)

Firma-se a convicção de que o desenvolvimento e o exercício da razão por si mesmos seriam suficientes para o aprimoramento moral do homem.

Ao contrário desta posição, acredita-se que só uma reflexão sobre valores poderá educá-lo tornando-o melhor.

O progresso científico e tecnológico pode ajudar ou não a humanidade. Não, se dela retirar a dimensão de pessoa, tratando-a apenas como objeto submetido ao comando da técnica.

Cabendo ao educador a função de apontar o caminho, conduzir numa direção, diante da perplexidade causada pelo acontecimento da globalização vão-se considerar os critérios escolhidos para analisar o fenômeno: as relações comunidade x sociedade – pessoa x personalidade, como direcionamentos para a ação educacional.

A partir das conceituações chega-se a que cabe ao educador a promoção da idéia de comunidade. Cabe a ele levar ao reconhecimento do direito de todos à justiça, ao respeito à igualdade de oportunidades e ao dever do cuidado de todos para com todos.

A globalização não pode apenas facilitar a comunicação, a informação, a circulação do capital, a uniformização, sem

a concomitante noção de responsabilidade social. Não basta transformar o mundo numa grande sociedade onde alguns interesses previamente estipulados unam os povos; é preciso que se chegue a uma comunidade onde todos sintam-se responsáveis uns pelos outros. A difusão da consciência dos direitos humanos, da igualdade de direitos e de deveres, da justiça social é o ideal que pode promover esta transformação.

No pensar de *Edgar Morin* é possível a constituição de "uma cidadania terrestre que não pode ser confundida com a mundialização tecno-econômica. Esta cidadania é a resposta mundial à mundialização. A pátria terrestre deve não negar ou rejeitar as pátrias que a compõem mas, ao contrário, integrá-las" (2000, p. 49) A noção de comunidade não se opõe ao respeito pelas diferenças, não exige uniformidade nem unidade. Fundamenta-se apenas na união primordial.

Na opinião de *Dowbor*, uma sociedade mais global pode aceitar melhor, temer menos as particularidades culturais regionais do que as tradicionais nações, que preocupadas com a unidade política, precisavam da unificação cultural. (1996, p. 63)

Essa afirmação dá margem ao educador para mostrar a possibilidade de união na diversificação. A globalização possibilita a vivência da comunidade sem a exigência da unificação e da uniformização. Permite a manutenção da soberania sobre o espaço territorial pela unidade de poder, definição política e unificação nacional com o pluralismo cultural.

A noção de comunidade traz a idéia de união para todos os fins, e não a de anulação das diferenças. Pode haver o sentimento de "pertença" à comunidade humana no pluralismo cultural.

É ainda L. Dowbor quem afirma: "caminhamos para a reconstituição das comunidades em outro nível incorporando e capitalizando as próprias tecnologias desagregadoras" (1996, p. 72)

Considerando-se que o atual fenômeno da globalização não se desenvolveu exatamente como uma volta à idéia de comunidade mas, freqüentemente, como um processo de anulação das particularidades, de uniformização de costumes, por priorizar o econômico mais do que as exigências fundamentais da pessoa humana, deve o educador refletir sobre essa questão de modo a promover o seu redirecionamento.

A globalização pode, se bem conduzida, levar à vivência de comunidade pelo engajamento de cada um com a solução do problema do outro, pelo sentimento de união primordial de toda a humanidade e, pela aceitação da responsabilidade social de todos os homens. Ao mesmo tempo, estimular a regionalização, as peculiaridades das múltiplas culturas como formas particulares de ordenamento e de instauração de valores.

A Educação deve levar à consciência de que não há incompatibilidade entre a experiência da comunidade e a admissão das diferenças individuais dos membros que a compõem.

E acrescenta Ladislau Dowbor: "a humanização do desenvolvimento ou a sua re – humanização passa pela reconstituição dos espaços comunitários. (1996, p.71)

O segundo referencial aceito para a avaliação dos efeitos da globalização foi a relação pessoa x personalidade.

Admitindo-se como universais as necessidades da pessoa humana, a contribuição da globalização para satisfazê-las, garanti-las e universalizá-las é extremamente positiva.

Embora variem os modos de viver, os usos e cosmovisões, há algo que permanece estável e imutável como meta a ser atingida para a realização humana. Há valores estáveis e invariáveis no tempo e no espaço como, por exemplo, bem-estar, saúde, verdade, bem moral, afeto, que são próprios da pessoa humana.

A pessoa, valor em si mesma, realiza-se progressivamente. Cresce no valor. Este crescimento é objetivo da educação para o qual pode ser de grande ajuda a globalização.

Uma análise do processo da história mostra que nem sempre a pessoa humana foi valorizada como tal. Com freqüência seus direitos foram desrespeitados. Seus direitos a uma vida biológica saudável, ao atingimento da verdade pelo desenvolvimento da razão, ao exercício do livre arbítrio, à vida afetiva. São esses direitos universais que a educação deve tornar reconhecidos e aceitos por todos.

Pode ser este o grande aspecto positivo da globalização: possibilitar o desenvolvimento universal da pessoa humana.

Sendo o homem também uma personalidade com carências e escalas de valores próprias da sua individualidade, manifestadas nos grupos regionais e nacionais, vai ser ainda função da educação levar à reflexão sobre a interferência que sobre ela exerce a globalização.

A consciência dos deveres e dos direitos da pessoa e da personalidade, a definição clara dos papéis e das relações sociais pode transformar a globalização num fenômeno extremamente positivo para a humanidade.

Conclusões

A partir da reflexão sobre a questão da globalização, pode-se, ao que parece, chegar a algumas conclusões.

- É impossível e sem sentido querer-se frear o progresso. A globalização é uma produção cultural decorrente do desenvolvimento científico – tecnológico e como tal não é boa nem má.

Conforme o modo como for utilizada pelo homem poderá tornar-se para ele benéfica ou maléfica.

- Somente pela reflexão filosófica sistemática será possível a compreensão do seu significado e o estabelecimento de referenciais para a avaliação de suas consequências.

- Tudo aquilo que realiza o homem constitui para ele seus fins naturais e objetivos para a sua ação. A saúde, a verdade que se expressa na ciência, a liberdade, o respeito, a justiça, o amor são valores fundamentais para a pessoa humana e por isso devem ser buscados como fins próprios e adequados ao atingimento de sua plenitude. A globalização deve tê-los como objetivo. No entanto, no pensar de *Octavio Ianni*, "a utopia da emancipação individual e coletiva, nacional e mundial parece estar sendo punida com a globalização tecnocrata, instrumental, mercantil, consumista." (2000, p.23)

- Torna-se portanto de grande importância o estabelecimento de referenciais de avaliação do processo de globalização de modo a ser possível o direcionamento do fenômeno para o bem da humanidade.

- Inúmeros referenciais podem ser utilizados para essa avaliação. Arbitrariamente foram aqui escolhidos dois dentre os muitos possíveis para uma proposta de reflexão.

A relação comunidade x sociedade permitiu concluir pelo papel relevante que teria a globalização na implantação do espírito de comunidade em âmbito mundial. Afirma Valquiria Padilha: "acredito que tudo isso que podemos chamar de globalização e de pós-modernidade não resolve o problema da exclusão social de milhares de pessoas no mundo todo." (2000, p.65)

Sim, pode não resolver mas pode minimizar se forem suas áreas de atuação

bem definidas e claramente estabelecidos os seus objetivos. A possibilidade de envolvimento com mais de uma cultura propiciada pela globalização pode permitir um maior interesse e melhor compreensão da cultura alheia, favorecendo a vivência da comunidade.

A intercomunicação cultural pode trazer dificuldades, problemas práticos de uniformização mas pode ser benéfica se universalizar a satisfação das necessidades básicas da pessoa humana, se integrar os povos pelo desenvolvimento do espírito de comunidade de modo a que se sintam todos fundamentalmente unidos e ligados sem especificação de fins.

Todo homem como membro da comunidade humana deve sentir-se responsável pelo outro, seja de que região ou nação for. Para este ideal muito pode contribuir a globalização.

Por outro lado, é fundamental a vivência do sentimento de identidade com o idioma, as tradições, os costumes, as manifestações culturais em geral do seu grupo social, que não coincide exatamente com o conceito de nação.

Estabelecidos critérios de análise, o processo da globalização pode ser direcionado para o respeito a essas características, ao que se poderia chamar de personalidades dos grupos sociais.

Evidentemente, como já foi dito, não é possível uma interferência direta no processo da globalização mas, pela ação educacional, pode-se promover uma reflexão sobre os valores, de modo a que sejam buscados e hierarquizados de modo próprio e adequado ao pleno desenvolvimento da pessoa humana e ao mesmo tempo das personalidades com suas características próprias e individualizantes.

Ao entender-se a cultura como o resultado da instauração de valores na natureza, no outro e em si mesmo feita pelo sujeito percebe-se que a globalização pode não só facilitar a comunicação entre os homens mas difundir e disseminar o que para eles vale, o que é para eles benéfico, inclusive o respeito pelas diferenças, pelo pluralismo cultural, dependendo apenas do direcionamento que lhe for dado.

ABSTRACT

The article, starting from the ascertainment of the changes due to the globalization, analyzes the phenomenon showing that it is a human production and as it is, it can and should be managed and directed by man. After that, it proposes, two references to the analysis of the phenomenon: the notions of community X society and of people X personality searching for 1st) If the globalization contributes to the changes of the humanity in a community or if it leads it to behave just as a society; 2nd) If the globalization takes it to a universality of what is essential to a human person realization respecting the peculiar differences of personalities or if it only uniformes the uses and behaviors canceling the individual own differences. It contains a reflection about the teachers' roles stating that his function is to have a reflection about the phenomenon, the evaluation paradigm proposal allowing the new model of globalization to, even indirectly, be controlled and directed to the globalization benefits. It concludes by a necessity of a bigger reflection about the globalization question and the importance of the teachers' action to the positive administration of this new phenomenon.

Keywords: Evaluation references – Community – Society – Person – Personality – Education.

RESUMEN

El artículo, partiendo de la constatación de los cambios a consecuencia de la globalización, analiza el fenómeno mostrando por ser éste un producto del hombre que como tal, puede y debe ser controlado y dirigido por el hombre. Se plantea, en seguida, dos referencias para el análisis del fenómeno: las naciones de comunidad x sociedad y las de personas x personalidad procurando saber 1º) Si la globalización contribuye para la transformación de la humanidad en una comunidad o si conduce a comportarse apenas como una sociedad; 2º) Si la globalización nos lleva a una universalización de lo que es esencial para la realización de la persona humana respetando las diferencias peculiares de las personalidades o si apenas uniformiza los usos y comportamientos anulando las diferencias propias de los individuos. Repercute también sobre el papel del educador afirmando caberle a él la reflexión sobre el fenómeno, la propuesta y paradigmas de evaluación para que el nuevo modelo de la globalización pueda, al menos, indirectamente, ser controlado y dirigido para el bien de la humanidad. Concluye por la necesidad de una reflexión mayor, sobre la cuestión de la globalización y por la importancia de la acción del educador para tomar la dirección correcta de este fenómeno.

Palabras-clave: Referencias de evaluación – Comunidad – Sociedad – Persona- Personalidad – Educación.

Referências Bibliográficas:

- FEATHERSTONE, M. (Coord.) *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Tradução por Atílio Brunetta. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994. 437 p. (Horizontes da globalização) Tradução de: *Global culture: nationalism, globalization and modernity*.
- FREITAS, M. C. (Org.) *A reinvenção do futuro: trabalho, educação, política na globalização do capitalismo*. São Paulo: Cortez; Bragança Paulista: USF - IFAN, 1996. 207 p.
- THONNARD, F. J. *Compêndio de História de Filosofia*. Tradução por Vicente Pombo. Paris: Sociedade de São João Evangelista: Desclée e Cna, Editores Pontifícios, 1953. 1022 p.
- GENTILI, P. (Org.) *Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2000. 251 p. (A outra margem)
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 271 p.
- MORIN, E. *À propos des sepy savoirs*. France, [s.l.] Éditions Pleins Feux, 2000.
- REALE, M. *Paradigmas da Cultura contemporânea*. São Paulo: Saraiva, 1996. 143 p.
- RICOEUR, P. (Org.) *Interpretação e ideologias*. Tradução por Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977. 172 p.